

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Yuri de Souza Geronymo

NEOLIBERALISMO, TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E SUAS RELAÇÕES.

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Marta Mendes da Rocha.

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Yuri de Souza Geronymo, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073084A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Neoliberalismo, Teologia da Prosperidade e suas Relações, desenvolvido durante o período de 21/10/2024 a 11/03/2025 sob a orientação de Marta Mendes da Rocha, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de março de 2025

Yuri de Souza Geronymo

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

NEOLIBERALISMO, TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E SUAS RELAÇÕES.

YURI DE SOUZA GERONYMO¹

RESUMO

O movimento neopentecostal tem ganhado muita força e fiéis no Brasil desde as últimas décadas. Suas práticas religiosas têm sido amplamente divulgadas por rádios, TVs e jornais vinculados aos seus líderes. Além de uma vasta divulgação, ocorre a inclusão de seus representantes em meio ao cenário político brasileiro, o que faz com que sua influência vá além dos cultos ministrados em seus templos, abrangendo as discussões políticas atuais. Este artigo vai se aprofundar no meio neopentecostal, observando um pouco de sua origem, suas práticas e seus líderes. Nota-se uma relação da teologia da prosperidade utilizada nessas igrejas com o neoliberalismo, tendo como objetivo identificar a assimilação que o discurso religioso faz do neoliberalismo, suas semelhanças e suas diferenças. Começaremos com uma breve história de como os neopentecostais chegaram ao Brasil, abordaremos a teologia da prosperidade em seus principais pontos assim como a formação do neoliberalismo. A influência neoliberal presente na doutrina neopentecostal será analisada mediante estudo das pregações, do rito, da relação do fiel com Deus, comparando essas características com as da política neoliberal, analisando dessa forma suas semelhanças e suas diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo, Teologia da prosperidade, Neopentecostalismo.

1. INTRODUÇÃO

O neopentecostalismo vem crescendo notoriamente desde os anos 1970. Seu discurso de prosperidade e salvação está marcado por um teor “empreendedor” como se através da fé fosse possível uma espécie de “troca” com Deus, um sacrifício, em sua grande maioria financeiro em prol da igreja e da “obra” de Deus. Em outras palavras, o fiel deve doar a Deus para receber de volta “bênçãos” como por exemplo, um bom carro ou, uma casa própria. Tudo isso só é possível através da doutrina denominada teologia da prosperidade, que apresenta ao fiel uma mentalidade neoliberal onde o sagrado passa por um processo de materialização individualização e mercantilização, abandonando assim uma relação de distanciamento das “coisas do mundo” antes existentes em cultos mais tradicionais.

A teologia da prosperidade dá valor ao dinheiro e ao sucesso material, vendo isso como uma consequência da ação de Deus na vida do fiel. Este artigo propõe analisar algumas referências bibliográficas sobre o tema com o objetivo de compreender o movimento neopentecostal, e responder aos questionamentos quanto à existência de relação entre o neoliberalismo e os neopentecostais, e as semelhanças e diferenças. Para aprofundar o estudo proposto neste artigo o trabalho foi dividido em quatro partes: 1) A origem do neopentecostalismo; 2) Teologia da prosperidade e neoliberalismo; 3) Semelhanças da mentalidade neoliberal com a teologia da prosperidade; 4) Diferenças entre a teologia da prosperidade e a mentalidade neoliberal. No primeiro tópico faremos um pequeno estudo sobre o neopentecostalismo e suas origens, no segundo, abordaremos a teologia da prosperidade e o neoliberalismo, em que consiste seu discurso a respeito de como suas ideias vem se expandindo, seja na ótica religiosa ou na política. No terceiro tópico faremos a comparação do discurso com o modelo neoliberal de pensamento apontando e refletindo sobre a absorção de práticas neoliberais na narrativa religiosa neopentecostal, por meio da teologia da prosperidade. No quarto e último tópico apontaremos as principais diferenças entre a narrativa neoliberal e neopentecostal e seus pontos de discordância. É um dos objetivos desta pesquisa aprofundar neste campo religioso, com um olhar crítico para destacar as influências políticas que estão disfarçadas em meio a um discurso de prosperidade e, obtenção de riquezas por meio de uma “graça divina”, uma vez que os

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marta Mendes da Rocha.

evangélicos representam uma grande parcela da sociedade, uma das religiões que mais cresce no Brasil. É importante estar atento ao que ocorre em seu meio, observar a postura das suas principais lideranças religiosas, assim como sua participação e influência no cenário político atual. Com uma massa crescente de fiéis, uma grande rede de captação de recursos e se estruturando como uma empresa de fato, é indispensável a qualquer cientista social estar atento às mudanças que vão surgindo no meio neopentecostal.

2. A ORIGEM DO NEOPENTECOSTALISMO

Para entendermos de onde surgiu essa vertente neopentecostal, devemos voltar um pouco na história e falar de seu antecessor, a vertente pentecostal, oriunda da América do Norte, que chegou ao Brasil há mais de 86 anos. Desde então, diversas igrejas se formaram e realizaram diversas mudanças em seu interior, o que fez dessa religião um tanto complexa. De acordo com Ricardo Mariano em seu livro “Neopentecostais Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil”, para facilitar o seu entendimento, os pesquisadores passaram a classificar esse campo religioso em três ondas. A primeira, chamada de pentecostalismo clássico, vai de 1910 a 1950 e, trata da sua implantação no país com a fundação da Congregação Cristã no Brasil, que ocorreu em 1910 na cidade de São Paulo, e da Assembleia de Deus, no ano de 1911 no Pará, e vai até a sua expansão em território nacional. Essas igrejas se destacaram pelo seu anticatolicismo, por utilizar-se do dom de línguas, e principalmente, pelo seu radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo.

A segunda onda foi denominada de pentecostalismo neoclássico e teve início na década de 1950 com a chegada de dois missionários norte-americanos no Brasil que fundaram a Cruzada de Evangelização, o que deu origem a um evangelismo que se baseia na cura divina. Seu êxito foi tão grande que contribuiu para a aceleração da expansão do pentecostalismo no país. Nesse período ocorreu a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular em São Paulo no ano de 1951, e, inspirados nela, também surgiram a Brasil para Cristo fundada em 1955 e a Deus é Amor fundada em 1962, ambas na cidade de São Paulo. Nesse período, as igrejas adotaram uma ênfase teológica pela cura divina, intensa utilização de rádios para seus cultos e também a adoção do evangelismo itinerante realizado em tendas de lona.

A terceira e mais importante onda, nosso objeto de estudos, é a neopentecostal vertente mais famosa e que mais cresce no Brasil, que tem início na década de 1970 e se fortalece nos anos 1980 e 1990. A Universal do Reino de Deus, fundada no Rio de Janeiro em 1977, e a Internacional da Graça de Deus, fundada em 1980, também na cidade do Rio de Janeiro, por pregadores brasileiros, constituem duas das principais igrejas neopentecostais. Elas apresentam características em comum que são: poucos traços de seita, forte tendência de acomodação do mundo, grande participação na política partidária e utilização constante da mídia eletrônica (MARIANO, 1999). De acordo com Mariano, também são características das igrejas neopentecostais:

- (1) Pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano “é dando que se recebe” e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos seus empreendimentos terrenos.
- (2) Enfatizar a guerra espiritual contra o diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros.
- (3) Não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até a pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 1996, p.26).

Através dos estudos, pude notar uma quarta característica importante que também está presente nas igrejas neopentecostais, que é o fato dessas igrejas se estruturarem empresarialmente, adotando o papel de empresas na prática. Dessa forma, visando fins lucrativos, elas deixam de funcionar como um simples templo religioso, não voltado somente à prática da fé, mas com o objetivo de formar, além de fiéis, empreendedores. A partir desse modelo estrutural, ocorre uma ruptura com o sectarismo e ascetismo tradicional no meio pentecostal, isso é o que mais distingue o neopentecostalismo das demais ondas já citadas anteriormente.

3. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E NEOLIBERALISMO

Adotarei neste artigo, uma abordagem marxista com relação ao neoliberalismo. Utilizaremos o conceito já existente para dialogar com autores que tratam da teologia da prosperidade, dessa forma o neoliberalismo será definido como uma estratégia política que tem como objetivo corroborar uma hegemonia de classe, contribuindo para seu crescimento global, identificando uma nova fase do capitalismo surgido da crise da década de 1970. O neoliberalismo contribui para a formação de uma nova ordem social em que o livre comércio e a livre mobilidade de capital são impostas ao trabalho e novos critérios gerenciais são estabelecidos. Esse modelo afirma que o livre mercado é o garantidor da liberdade individual de empreender, e que é de responsabilidade do Estado apenas o papel mínimo de preservar uma ordem institucional necessária. A desigualdade que resulta desse modelo neoliberal é justificada como sendo um estímulo à inovação e à competitividade e ao crescimento econômico. A respeito disso, Harvey afirma:

Podemos, portanto, interpretar a neoliberalização seja como um projeto utópico de realizar um plano teórico de reorganização do capitalismo internacional ou como um projeto político de restabelecimento das condições de acumulação do capital e de restauração do poder das elites econômicas (HARVEY, 2008, p.27).

Toda a dinâmica que envolve o capitalismo, se utilizando do revestimento neoliberal, tende a operar em benefício das camadas mais altas de renda. A configuração de classe sofre alterações, incorporando a si, além dos extratos tradicionais, novos empreendedores dos setores da computação, internet, comunicação e varejo, também reforçando a participação dos financistas e CEOs.

Duas tendências gerais foram observadas. Primeira, a fusão dos privilégios da propriedade com os da gerência por meio da remuneração dos CEOs com opções de ações, impondo a valorização financeira como guia das atividades. Segunda, a redução da separação entre capital rentista e produtivo, com grandes corporações assumindo orientações crescentemente financeiras sem deixar de se voltar para a produção e o comércio (HARVEY, 2008, p.40-41).

Através da leitura da obra de Harvey, vale destacar o que ele chamou de mecanismos de “acumulação por espoliação” (HARVEY, 2008), que é o caráter permanente das formas de acumulação presentes desde o início do capitalismo através de seus novos métodos, que são bem explicados por Andrade:

1. Privatização e mercadização. Trata-se da transferência de ativos do domínio público e popular aos domínios privados e de privilégio de classe, abrindo-os à acumulação capitalista, como nos casos da utilidade pública (água, telecomunicações e transporte), dos benefícios sociais (habitação social, educação,

assistência à saúde e pensões), das instituições públicas (universidades, laboratórios de pesquisa e presídios), das formas culturais (turismo e música), dos bens comuns ambientais globais (terra, ar e água), dos direitos de propriedade intelectual (patente de materiais genéticos e biopirataria) e dos direitos de propriedade comum (direitos à aposentadoria estatal, ao bem-estar social e a um sistema nacional de saúde).

2. Financeirização. Característica marcada pelo estilo especulativo e predatório, ou por operações fraudulentas e pela dilapidação e transferência de recursos via inflação, fusões e aquisições, endividamentos de famílias e do Estado, comissões sobre transações supérfluas, contabilidade criativa e ataques especulativos realizados por fundos de derivativos e grandes instituições financeiras.

3. Administração e manipulação de crises. Crises orquestradas, administradas e controladas pelo complexo formado pelo Tesouro dos Estados Unidos, por Wall Street e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que lançam a rede da dívida como forma de transferir a riqueza dos países pobres para os países ricos.

4. Redistribuições via Estado. Uma vez neoliberalizado, o Estado contribui para reverter o fluxo redistributivo em direção das classes altas, realizando privatizações, códigos tributários regressivos, subsídios e isenções fiscais a pessoas jurídicas e direcionamento de verbas públicas para beneficiar grandes corporações (ANDRADE, 2019, p.223).

De acordo com Harvey, as políticas neoliberais contribuem para um aumento na desigualdade social e, com a expansão da mercadorização, o lucro não se torna crescimento uma vez que não é investido produtivamente, mas sim de maneira especulativa, promovendo dessa forma apenas uma transferência de renda dos mais pobres aos mais ricos.

Agora que já foram destacados importantes pontos referentes ao neoliberalismo, daremos atenção à teologia da prosperidade no que diz respeito ao seu conteúdo e origem. Nascida nos Estados Unidos, a teologia da prosperidade surgiu nos anos 1940. Sendo acolhida nos grupos evangélicos carismáticos americanos, só foi reconhecida como um movimento doutrinário nos anos 1970, período esse em que a teologia da prosperidade inicia a sua trajetória em território brasileiro. A Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus são dois dos diversos e maiores representantes no país. Ambas trabalham, para transferir ideias sobre este “novo evangelho” a seus fiéis e seguidores, enfatizando determinados aspectos e abandonando certos princípios bíblicos tradicionais no meio cristão evangélico.

Uma das principais crenças que é disseminada através da teologia da prosperidade afirma que o “plano de Deus” para o homem é o fazer feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo. De acordo com os pregadores da teologia da prosperidade, só não obtém a prosperidade, felicidade e saúde aqueles que carecem de fé, não cumprem o que diz a bíblia a respeito das promessas divinas, estando, assim, sob influência direta ou indireta do diabo. O fato de possuir bens, ter a vida e a saúde em boas condições e sem grandes problemas é visto como prova da espiritualidade do fiel e sua “comunhão” com Deus.

De acordo com Ricardo Mariano, estudioso do campo neopentecostal, a teologia da prosperidade causa uma forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal, pregando o retorno da fé nesta vida. Assim, deixa de lado, uma das principais abordagens do cristianismo e do pentecostalismo, a salvação após a morte, ao invés de valorizar o martírio e o autossacrício bíblico através da negação dos prazeres da carne e das coisas do “mundo” (ascetismo). A teologia da prosperidade vê a fé em Deus como um meio primordial de obtenção da felicidade, saúde, riqueza e poder terrenos. Ao invés de glorificar o sofrimento, engrandece o bem estar do cristão neste mundo, bem estar esse, alcançado através de mediações puramente religiosas.

Ela defende que o verdadeiro cristão está predestinado à vitória em todas as esferas de sua vida, e deve, depositar sua fé primeiro em Deus e em sua obra e só depois buscar sua “graça” obtida na figura de bens materiais. É importante ressaltar que essa teologia está profundamente influenciada pela ideologia de uma sociedade de consumo, o que diferencia a narrativa da teologia da prosperidade das demais instituições pentecostais. A respeito disso, Mariano nos diz:

A TP subverte radicalmente isto, prometendo prosperidade, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, na TP a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Segundo os pregadores da TP, Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico. Ele tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não faz nenhum sentido bíblico. Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais (MARIANO, 1996, p.33).

Mariano observou que, “para obter bênçãos, assegurar a salvação e expulsar os demônios de sua vida, o cristão precisa ter uma fé inabalável em Deus, reivindicar seus direitos em nome de Jesus e ser fiel a ele, inclusive no pagamento dos dízimos” (Mariano, 1996).

4. SEMELHANÇAS DA MENTALIDADE NEOLIBERAL COM A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Por meio de uma ampla leitura e estudos de diversas fontes acadêmicas, pude constatar que a teologia da prosperidade e as ideias neoliberais partilham alguns pontos em comum, principalmente no que diz respeito à valorização do individualismo, da meritocracia e da lógica de mercado. Para iniciar uma reflexão, Nayara dos Santos Abreu, em sua dissertação de mestrado de título “Magia” Pentecostal e o “Espírito do Capitalismo”, observou:

As conexões entre neoliberalismo e neopentecostalismo podem ser observadas em vários aspectos: 1) na capacidade que este tem em otimizar as diferenças, ao incorporar elementos de outras religiões e culturas; 2) a constante readaptação; 3) o funcionamento como empresa (há uma matriz que passa diretrizes para as filiais); 4) e para compor o capital humano, exige-se do fiel o mesmo que o novo “espírito” neoliberal demanda, que o indivíduo seja cada vez mais desprendido, corajoso e audacioso (ABREU, 20017, p.31-32).

Destacarei os principais aspectos que aproximam estas duas visões. A teologia da prosperidade enfatiza que a prosperidade financeira e o sucesso são resultados diretos da fé individual, através da oração e da obediência a Deus. O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio destino, a pobreza ou o fracasso são atribuídos frequentemente à falta de fé ou de esforço pessoal. Da mesma forma, o neoliberalismo também defende a ideia de que o sucesso ou o fracasso resultam de escolhas e esforços individuais. Paula Lobo Cintra, em seu artigo “O Pentecostalismo é Neoliberal?” reflete a respeito:

O fiel deve sacrificar-se e empenhar-se para que obtenha a recompensa desejada, mas será responsável pelo insucesso em sua entrega. O processo de responsabilização exige a entidade religiosa, ao afirmar que, caso não consiga atingir o resultado esperado, o fiel será o único responsável, pois “não teve fé suficiente” (CINTRA, 2024, p.113).

A responsabilidade pelo bem-estar é transferida do Estado para o indivíduo, que deve buscar seu próprio progresso por meio do trabalho e do empreendedorismo. A ideia de que “Deus ajuda quem se ajuda” reforça a noção de que o indivíduo deve buscar a sua própria prosperidade sem depender de uma ajuda externa ou coletiva. No neoliberalismo, programas sociais são frequentemente criticados como “assistencialismo” e a ideia de “cada um por si” é valorizada. Não é difícil observar que ambos os discursos promovem a ideia de que o indivíduo é o único responsável por seu sucesso ou fracasso, uma vez que ambos os discursos minimizam o papel de fatores estruturais, como desigualdade social, falta de acesso à educação e exploração econômica.

Outro ponto semelhante diz respeito à meritocracia e à justificação da desigualdade. A teologia da prosperidade tem como crença que a bênção divina e a prosperidade são concedidas àqueles que merecem, ou seja, que demonstram fé, dedicação e obediência. Isso forma uma narrativa meritocrática, em que os “vencedores” são recompensados e os “perdedores” são vistos como responsáveis por sua própria situação, a desigualdade é justificada como parte de um plano divino, em que alguns são escolhidos para prosperar e outros não. Já o neoliberalismo defende a meritocracia como um princípio central, argumentando que o sucesso econômico é resultado do mérito individual, do trabalho duro e da competição, a desigualdade é vista como natural e até mesmo necessária para incentivar a inovação e o progresso. Ambos os discursos justificam a desigualdade social como algo natural e inevitável, seja como parte de um plano divino ou como resultado da meritocracia.

Existe também a semelhança com relação à lógica de mercado e comercialização, já que muitas igrejas que pregam a teologia da prosperidade operam como empresas, apresentando estratégias de marketing, vendas de produtos religiosos (como livros, cursos e objetos sagrados) e campanhas de arrecadação de fundos. A fé é, em muitos casos, tratada como uma transação, em que os fiéis “investem” em suas doações e esperam retornos financeiros e espirituais. A ideia de “semear uma oferta para colher uma bênção” é central. O neoliberalismo, por sua vez, defende a ideia de que o mercado é o mecanismo mais eficiente para distribuir recursos e gerar prosperidade, sua lógica de mercado é estendida a todas as esferas da vida, incluindo a educação, a saúde e até mesmo as relações sociais. O ponto em comum aqui destacado é que ambos os discursos promovem a ideia de que a lógica de mercado pode e deve ser aplicada a todas as áreas da vida, incluindo a religião e as relações sociais. Vale também destacar a presença ativa dos neopentecostais nos programas de rádio e televisão, e seu anseio pelo domínio dos meios de comunicação:

Atingir os meios de comunicação e manter um programa no ar em horários nobres e atingir o máximo de pessoas é a postura seguida como um roteiro. O neopentecostal precisa que sua igreja cresça – e, ao que parece, de preferência em proporções planetárias, dada a escolha dos termos universal, internacional, mundial (CINTRA, 2024, p.111).

Abordarei agora a semelhança nos discursos no que diz respeito ao enfraquecimento do coletivo e do Estado. A teologia da prosperidade muitas vezes vai desencorajar a dependência do Estado ou de políticas sociais, enfatizando que a solução dos problemas individuais está na fé e no esforço pessoal. A ideia de que “Deus proverá” é usada para justificar a falta de apoio estatal. Isso acarreta uma desvalorização de políticas públicas e de redes de apoio social. O neoliberalismo defende a redução do papel do Estado no fornecimento de serviços sociais, promovendo a privatização e a ideia de que os indivíduos devem buscar soluções privadas para suas necessidades, como, por exemplo, planos de saúde privados e educação paga. Aqui, a ideia de um “Estado mínimo” é central e políticas públicas são vistas como desnecessárias. O ponto em comum é que ambos os discursos promovem a ideia de que o Estado e as políticas sociais têm menos importância do que o esforço individual e a fé.

O próximo ponto que trataremos diz respeito à cultura do empreendedorismo, visto que muitos líderes religiosos incentivam os fiéis a se tornarem empreendedores, a investirem em seus negócios e a verem o sucesso financeiro como uma bênção divina. A ideia de “ser um empreendedor de si mesmo” é

promovida com frequência, a prosperidade material então é vista como um sinal de bênção divina, e o empreendedorismo é valorizado como um caminho para alcançá-la. O discurso neoliberal, por sua vez, valoriza o empreendedorismo como um caminho para o sucesso e a autonomia individual. A figura do empreendedor é sempre idealizada como um agente de mudança e progresso, que deve buscar oportunidades no mercado. A ideia de que “qualquer um pode ser um empreendedor” é central, ignorando dessa forma as barreiras estruturais que impedem muitas pessoas de alcançar o sucesso. O ponto em comum encontrado aqui é que ambos os discursos promovem a ideia de que o empreendedorismo é o caminho para o sucesso e a prosperidade, e que o indivíduo deve buscar oportunidades no mercado.

Há no âmbito religioso neopentecostal a incorporação de valores neoliberais, se estimula o consumo e o empreendedorismo, mesmo porque quanto mais bem-sucedida for a inculcação desses preceitos, maior será a probabilidade de promover mudanças reais na vida material do fiel, que passará a ter como verdade a transformação de sua vida via conversão à igreja, e, desse modo, mais ele investirá na propagação dessa verdade e, conseqüentemente, da instituição (ABREU, 20017, p.56).

Ricardo Mariano aborda essa cultura do empreendedorismo falando a respeito do incentivo dos líderes religiosos motivando seus fiéis a serem empreendedores:

Nos cultos da Universal, além de exortados a pagar o dízimo, a dar ofertas com desprendimento e a participar da corrente da prosperidade, os fiéis, ansiosos por enriquecer, são aconselhados a deixar de ser meros empregados. Recebem incentivos para abrir negócios e se tornar patrões, desejo da maioria dos que vendem sua força de trabalho no mercado. Para enriquecer, portanto, não adianta apenas confessar a fé correta e exigir seus direitos. Devem trabalhar, ser astutos e aproveitar as oportunidades (MARIANO,1996, p.163).

Com todos esses aspectos levantados e discutidas as suas similaridades, posso afirmar que: Tanto a teologia da prosperidade quanto o neoliberalismo promovem uma cultura de culpabilização, em que os pobres ou fracassados são vistos como responsáveis por sua própria situação, ignorando fatores estruturais como desigualdade social, falta de oportunidades e exploração econômica. Ambas as visões naturalizam a desigualdade, apresentando - a como um resultado inevitável da meritocracia ou da vontade divina. Ao dar ênfase ao individualismo e à autossuficiência, tanto a teologia da prosperidade quanto o neoliberalismo podem contribuir para uma fragilização dos laços sociais e para a desvalorização de políticas coletivas.

Com a ascensão da chamada “bancada da bíblia”, que obteve total apoio de partidos conservadores como o PSL, por exemplo, me recordo aqui da proximidade entre o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e o principal líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Essa aproximação é coerente uma vez que ambos partilham de ideias conservadoras e têm interesses econômicos convergentes. O grande risco nessa “relação” é de através da combinação dessas duas narrativas as classes mais baixas serem encorajadas a abrir mão de seus direitos, sendo impulsionadas a ter uma visão individualista e empreendedora do mundo, o que vai favorecer as elites brasileiras interessadas em implementar uma agressiva política neoliberal de perda de direitos e enfraquecimento de políticas públicas e do Estado em geral. A ampliação de políticos eleitos com relações com as igrejas neopentecostais também é um ponto que me causa uma certa preocupação, uma vez que temos um estado laico. Logo, não devem ser apoiados projetos de lei baseados na fé individual, mas sim no bem-estar de uma sociedade em geral.

5. DIFERENÇAS DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE COM A MENTALIDADE NEOLIBERAL

Embora a narrativa neoliberal e a teologia da prosperidade compartilhem valores como o individualismo e a valorização do sucesso material, elas operam em contextos distintos e têm objetivos diferentes. O neoliberalismo é uma ideologia econômica e política que busca promover a liberdade individual por meio do livre mercado, enquanto a teologia da prosperidade é uma corrente religiosa que vê a fé como um meio de alcançar a prosperidade material. Ambas as narrativas são frequentemente criticadas por disseminar uma cultura de culpabilização dos indivíduos, em que os pobres ou fracassados são vistos como responsáveis pela sua própria situação. No entanto, enquanto o neoliberalismo justifica a desigualdade como um resultado natural da competição, a teologia da prosperidade a atribui à falta de fé ou à influência do diabo. Ambas as narrativas refletem visões de mundo que valorizam o individualismo e o sucesso material, mas o fazem a partir de perspectivas diferentes: uma econômica e política, e outra religiosa e espiritual. Ambas apresentam impactos significativos na sociedade, especialmente em contextos onde a desigualdade social é profunda e onde as políticas públicas poderiam desempenhar um papel crucial na redução das disparidades.

A formação de grupos como os de jovens, idosos e mulheres nas igrejas neopentecostais difere significativamente das práticas neoliberais, principalmente no que diz respeito à valorização da comunidade, do apoio mútuo e do enfoque espiritual. Enquanto os grupos neopentecostais promovem um senso de pertencimento e solidariedade, o neoliberalismo enfatiza o individualismo, a competição e a autossuficiência. As igrejas neopentecostais frequentemente organizam grupos específicos (como de jovens, mulheres, idosos, casais, etc.) com o objetivo de fortalecer os laços comunitários, promover a integração dos fiéis e atender as necessidades espirituais e sociais de cada grupo. Esses grupos apresentam algumas características: são comunidades de apoio mútuo onde os membros compartilham experiências, oram juntos e se ajudam em momentos de dificuldade, criando dessa forma um senso de pertencimento e solidariedade. Também apresentam um enfoque espiritual, onde a principal motivação desses grupos é religiosa. Eles buscam fortalecer a fé de seus participantes, ensinar princípios bíblicos e promover a prática da teologia da prosperidade. Esses grupos oferecem atendimento a necessidades específicas, sendo cada um deles voltado a um determinado público em especial (jovens, idosos, mulheres, etc.), o que os permite abordar questões de cada faixa etária ou gênero. Apresentam uma estrutura hierárquica, pois embora haja um senso de comunidade, esses grupos são geralmente organizados de forma hierárquica, com líderes religiosos orientando as atividades e decisões.

6. CONCLUSÃO

Neste artigo, explorei as relações existentes entre o neoliberalismo e a teologia da prosperidade. Com um olhar sociológico para o movimento neopentecostal brasileiro e o neoliberalismo, identifiquei semelhanças e diferenças entre essas duas narrativas, primeiro analisando como a teologia da prosperidade presente em diversas igrejas neopentecostais absorve, reflete e dissemina elementos da política neoliberal.

Não poderia falar a respeito dos neopentecostais sem antes realizar uma breve introdução a respeito de sua chegada, e expansão no território brasileiro, por isso me utilizei do conceito já criado e utilizado por Ricardo Mariano, que divide a origem do neopentecostalismo em três ondas históricas. Como ressaltei, a teologia da prosperidade é uma doutrina que valoriza amplamente o sucesso material, a saúde e a felicidade como sinais de uma “benção divina”, através da promoção da ideia de que a fé e as doações financeiras podem garantir prosperidade, o que entra em choque com valores cristãos que eram valorizados anteriormente, como o afastamento das coisas do “mundo” e a busca pela salvação após a morte.

Abordei o neoliberalismo com uma visão marxista, com a qual eu mais me identifico, em especial com as ideias de Harvey. Analisei o neoliberalismo expondo sua estratégia política de fortalecer uma hegemonia de classe buscando expandir o capitalismo global, a partir de três pilares: A defesa do livre mercado, a presença do individualismo e a desigualdade justificada. Destaquei os mecanismos de “acumulação por espoliação” (Harvey, 2008) para mostrar como as políticas neoliberais trabalham na transferência de riquezas das classes mais baixas para os mais ricos. Utilizei uma abordagem interdisciplinar, através da combinação de pesquisa bibliográfica e análise teórica, de forma a explorar as conexões entre o neoliberalismo e a teologia da prosperidade no contexto do movimento neopentecostal brasileiro.

Busquei estruturar minhas reflexões sobre o tema proposto através de diversas fontes acadêmicas, trançando, dessa forma, um panorama histórico e teórico dessas duas narrativas, destacando suas semelhanças e diferenças. O método de pesquisa por mim utilizado foi revisão bibliográfica, para contextualizar o surgimento e a expansão do neoliberalismo e do neopentecostalismo. Comparei sistematicamente a teologia da prosperidade e o neoliberalismo, mostrando semelhanças e diferenças em suas lógicas e seus impactos na sociedade.

A respeito dos resultados obtidos, acredito ter conseguido com êxito expor que tanto a teologia da prosperidade quanto o neoliberalismo têm em comum a promoção do individualismo, a meritocracia e a lógica de mercado, pois é um fato que ambos esses discursos culpabilizam os indivíduos por seu fracasso, desconsiderando a desigualdade social existente no Brasil. Refleti também a respeito das diferenças existentes entre eles. Para mim, a diferença das igrejas neopentecostais que mais se distancia do neoliberalismo consiste no fato que nesses locais ocorre a formação de grupos comunitários de apoio mútuo, o que contrasta fortemente com o individualismo defendido pelos neoliberais. Por último, destaquei os impactos sociais que ambas as narrativas causam na sociedade, especialmente em relação à desigualdade. O neoliberalismo a justifica como resultado natural da competição, a teologia da prosperidade à falta de fé, o que reforça a culpabilização dos indivíduos.

Esse estudo nos convida a refletir como as ideologias econômicas e religiosas vão se influenciar naturalmente, especialmente no Brasil, onde o neopentecostalismo e o número de evangélicos têm crescido rapidamente e se transformado em uma força política e social muito significativa. Vale também lembrar que, embora a teologia da prosperidade absorva valores do neoliberalismo como o individualismo e a meritocracia, ela apresenta a criação de espaços de comunidade e apoio que contrastam com a lógica de mercado. Considero este artigo uma contribuição na compreensão das relações entre religião e economia no contexto brasileiro, nos fazendo refletir sobre como as ideologias neoliberais influenciam não apenas as políticas econômicas, mas também a relação com a religião e as visões de mundo de milhares de pessoas. Ao incorporar elementos do neoliberalismo à teologia da prosperidade, é possível observar as contradições e desafios de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela busca por significado e prosperidade, seja ela material ou espiritual.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nayara dos Santos. **"Magia" Neopentecostal e "Espírito" Neoliberal.** 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo Romulo Machado de. **A Universalização do Reino de Deus.** 1996. 127f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- ANDRADE, Daniel Pereira. **O que é o neoliberalismo? A Renovação do Debate nas Ciências Sociais.** 2019. Revista Sociedade e Estado – Volume 34, Número 1, Janeiro/Abril 2019
- CINTRA, Paula Lobo. (2024). **O neopentecostalismo é neoliberal?** Revista de Estudos da Religião. V. 24, n. 1.
- GABATZ, Celso. **Manifestações Religiosas Contemporâneas: Os Desafios e as Implicações da Teologia da Prosperidade no Brasil.** 2013 Revista Semina V 12 Nº 1 2013.
- HARVEY, D. **O neoliberalismo. História e implicações.** São Paulo: Loyola, 2008.
- MARIANO, Ricardo. **Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade.** Novos Estudos, n. 44. São Paulo: CEBRAP, 1996.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999.
- TORRES, Roberto. **O neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na Modernidade Periférica.** Perspectivas, São Paulo, v. 32, p. 85-125, jul./dez. 2007.